



EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA¹

O acelerado desenvolvimento tecnológico e a informatização da vida moderna indicam que a ação educativa deve ser desenvolvida sem perder de vista todos os referenciais de análise, capacitando os homens para uma abordagem global da realidade

Desde a Grécia está presente na construção da *pólis* a idéia da formação do cidadão. Como o lugar que ultrapassa o mundo natural, a *pólis* se impõe pelo trabalho dos homens como espaço cultural. Portanto, espaço de transformação, de criação, de organização e ação humanos, onde todos têm uma função a cumprir e cada um se torna responsável pelo desenvolvimento da *pólis*.

O mundo ocidental, erigido sobre os valores do mundo grego, preserva esse conceito de cidadão — o homem preparado para viver na *pólis*, para conviver com os demais — contribuindo, assim, para o seu próprio aperfeiçoamento (cultural) e para o desenvolvimento (político e social).

Sem nos alongarmos na história dos povos, o que se observa é que não se constrói

um grande país sem uma grande obra de educação.

Não pode haver acesso à modernidade sem instrução pública universal, gratuita e obrigatória.

Não pode uma nação avançar em seu processo civilizatório nem reduzir seu déficit tecnológico sem escola básica de qualidade para todos. É na escola básica que nos instrumentalizamos para passar do **mundo natural**, no qual nascemos e onde estamos submetidos a condições herdadas, ao **mundo cultural**, onde nos transformamos em sujeitos históricos, autores e partícipes da construção social.

O primeiro direito humano do qual derivam todos os outros é, segundo Hannah Arendt, o direito a ter direitos e o acesso pleno a essa condição é assegurado pela cidadania. Ser cidadão é, pois, ter um lugar no mundo, conquistado e legitimado na relação do homem com outros homens. A educação é o processo que permite ao indivíduo “nascer de novo”, tornando-se cidadão e, portanto, tendo direitos tanto em sua nação quanto internacionalmente.

Nessa perspectiva, assegurar educação para todos é fazer justiça social, garantir o direito a ter direitos.

O AUTOR

Walfrido Silvino dos Mares Guia Neto

Engenheiro Químico pela Escola de Engenharia da UFMG e Administrador de Empresas pela FUMEC. Foi Secretário Municipal de Planejamento de Belo Horizonte, Secretário do Estado da Reforma Administrativa e Desburocratização, Secretário de Estado de Ciências e Tecnologia - Governo Hélio Garcia e Secretário de Estado da Educação de Minas Gerais. Atualmente é Presidente do Sistema Pitágoras de Ensino.

1. Conferência apresentada no Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo, em 22 de junho de 1994. MARES GUIA NETO, Walfrido Silvino dos. “Educação para a cidadania - O cenário da pós-modernidade”. **Coleção Documentos**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados - IEA/USP, n.11, julho, 1994. (N.E.)

A construção da cidadania ganha contornos renovados no cenário da pós-modernidade, onde os horizontes foram ampliados e as possibilidades humanas se multiplicaram.

O CENÁRIO DA PÓS-MODERNIDADE

A última década do século XX tem constituído um período de inovações tecnológicas, alterações econômicas sem precedentes, reformas políticas e renascimento cultural. As tendências que ora se manifestam tiveram início nos anos 60/70 e caracterizam o que se tem denominado a pós-modernidade.

Essas megatendências influenciarão elementos importantes da vida de cada pessoa: suas decisões relativas ao trabalho, seus negócios e investimentos, suas escolhas em termos de onde viver e como viver, sua própria educação e a educação de seus filhos.

Para compreendermos a educação nesta nova era, passaremos em revista algumas dessas megatendências, que compõem o cenário da pós-modernidade.

A perspectiva planetária

O modelo político-econômico característico do final da segunda grande guerra, que se traduzia na luta pela hegemonia travada entre os dois grandes blocos — o socialista e o capitalista — tornou-se totalmente obsoleto. Durante mais de 40 anos o sistema internacional se organizou em torno das duas superpotências, Estados Unidos e União Soviética, pólos do poder político e militar.

Quando em 1989 um vendaval varreu a Europa Oriental, fazendo entrar em rápida

decomposição o regime de partido único do Leste Europeu, culminou um processo de mudança que já tinha se iniciado com a reorganização política e econômica de outros países. Desde os anos 70 a quebra do isolacionismo de cada país anunciava a emergência de blocos internacionais como a CEE (Comunidade Econômica Européia)², o NAFTA (North America Free Trade Agreement - Tratado de Livre Comércio da América do Norte)³, algumas organizações latino-americanas como a ALALC (Associação Latino-Americana de Livre Comércio)⁴ e até a emergência dos Tigres Asiáticos.

Mesmo considerando-se que os novos blocos internacionais de poder não representam, ainda, uma integração formal, jurídica e política, pois estão em processo de estruturação, é evidente que a marca do momento atual é a perspectiva planetária, caracterizada pela globalização da economia, pela guerra do isolacionismo, pelo surgimento de blocos internacionais de poder.

O quadro de constelação econômico-política existente não significa, em absoluto, uma tendência à eliminação universal das fronteiras, caminhando a humanidade em direção à aldeia global.

Ao contrário, a concorrência e a tensão entre os blocos existem e no interior de cada um os conflitos tornam incerta e problemática a continuidade de sua existência.

A universalização da informação

Na década de 60, Andy Warhol, um dos ideólogos da *Pop Art*, anunciou: "No futuro, todo mundo vai ser famoso por 15 minutos". A frase provocadora de Warhol desvendava uma dimensão crucial do mundo

2. A CEE a partir do Tratado de Maastrich passou a ser União Européia - UE. (N.E.)

3. Acordo econômico entre os EUA, Canadá e México. (N.E.)

4. Esta associação foi criada em 1960 e hoje não existe mais. A nova Associação é a ALADI — Associação Latino-Americana de Integração. (N.E.)

contemporâneo. A instantaneidade dos meios eletrônicos de comunicação bombardeia continuamente os sentidos de cada indivíduo, transformando rapidamente em passado a informação que acabamos de receber e tornando presentes acontecimentos que ocorrem do outro lado do mundo.

Graças à universalização da informação, assistimos a uma guerra de *videogame* que incendiou as areias do deserto, sem nos apercebermos de que suas vítimas são bem reais; vimos milhões de pessoas saírem às ruas nas cidades da Europa para dizerem não ao socialismo; acompanhamos guerras civis que desmancharam fronteiras que pareciam eternas e presenciamos a vitória de Mandela como se fosse um dos nossos.

A expansão inédita da massa de notícias, proveniente de todos os pontos do planeta, se faz acompanhar de um esvaziamento crescente do sentido e do significado dessas mesmas notícias.

Despidos de história, banalizados por um estilo narrativo que suprime os contextos, os fatos podem ser apreendidos, mas dificilmente compreendidos.

A rapidez das mudanças

As alterações econômicas que resultaram na queda do regime feudal e na ascensão da burguesia levaram séculos; a invenção da imprensa, do rádio e de outros marcos da modernidade foram construídos em longo espaço de tempo.

A Revolução Industrial iniciada em 1708 com a máquina de Newcome só foi realmente consolidada em 1937, com o avião a jato, portanto 229 anos após; em contrapartida, a Revolução da Informação, cujo momento inicial é marcado pelo pri-

meiro computador ENIAC⁵ em 1946, tem sua culminância no computador de quarta geração, criado em 1982. Esta revolução da informação se fez em apenas 36 anos. Não é de espantar que a hegemonia do Império Romano tenha durado quatro séculos, enquanto a hegemonia dos Estados Unidos não ultrapassou 50 anos e o Estado Socialista Soviético, iniciado em 1917, tenha se desfeito em 1989. Em nossos dias, as mudanças se dão rapidamente, a ponto de não nos ser possível assimilá-las.

Cada vez mais, as mudanças se processam com maior rapidez e fatos marcantes hoje se tornam obsoletos amanhã, perdendo o vínculo com o processo de desenvolvimento como um todo.

Isso nos obriga a rever a produção e apropriação do conhecimento, uma vez que o conhecimento produzido perde rapidamente sua atualidade e, se não houver um sistema bem ágil de informação, a apropriação de cada conhecimento estará sempre em defasagem.

O desenvolvimento auto-sustentado

A distância que separa os países desenvolvidos dos chamados subdesenvolvidos, tornou-se, nos últimos anos, gigantesca, a ponto de esses últimos se darem conta de que esforços têm que ser feitos para promover seu desenvolvimento. Um país que não desenvolva sua capacidade científica e tecnológica será, inevitavelmente, dominado pelos países mais avançados. Há um risco de que as empresas e outras unidades produtivas de um país, obrigadas a adquirir tecnologia de fontes estrangeiras, se tornem economicamente dependentes dessas fontes e sejam dominadas por elas. Ultrapassado

5. *Electronic Numeric Integrator And Calculator*: primeiro computador de válvulas. Foi projetado pelos engenheiros J. Presper Eckert e John Mauchli, chefes da Área de Projetos do Exército dos EUA. Tinha 18 mil válvulas e seu objetivo era o de calcular a trajetória de projéteis com maior precisão. Idealizado no início dos anos 40, ficou pronto apenas em 1946, após o término da Segunda Guerra mundial. (N.E.)

certo limite, a independência política e cultural do país se verá ameaçada por estas formas de dependência e dominação. Daí a necessidade de planejamento.

O planejamento estratégico pode ser visto como processo de tomada de decisões orientado pela priorização dos objetivos que, por sua vez, se baseia na listagem desses objetivos a partir da identificação dos problemas e necessidades do país.

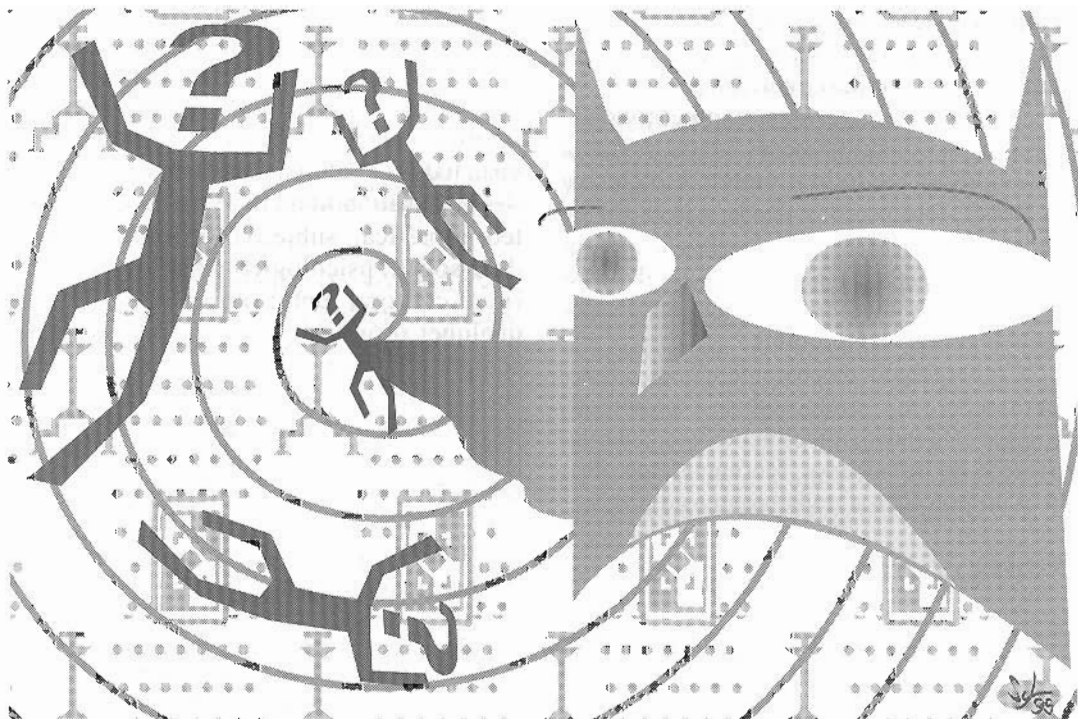
Os critérios para tomar tais decisões derivam das políticas públicas que refletem, por sua vez, a vontade política dos grupos que estão no poder.

Ao privilegiar ciência e tecnologia como aspectos do planejamento estratégico com vistas ao desenvolvimento auto-sustentado, está se estabelecendo um vínculo entre o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento científico e tecnológico que passa, necessariamente, pela educação.

A internacionalização das empresas

O mundo pós-moderno convive hoje com um novo tipo de empresa, aquela que não é exclusiva de um país, mas que se expandiu pelo mundo. Quando uma empresa se desenvolve no plano internacional, começa por exportar o material produzido pela matriz e se esforça para estender suas redes comerciais criando filiais estrangeiras. Num segundo momento, cria fábricas destinadas a produzir peças para responder à demanda do mercado nacional onde se implantar. Num terceira fase, é possível que as filiais estrangeiras estejam a ponto de realizar a maior parte da produção com a qual asseguram a comercialização, adquirindo assim uma autonomia relativa de funcionamento.

Portanto, a fase atual do capitalismo das multinacionais se caracteriza não apenas pela internacionalização do capital financeiro e das trocas, mas pela internacionalização da produção. Por isto, convive-se hoje com uma nova



divisão internacional do trabalho, fundamental para o tipo de produção que se estabeleceu e assiste-se também ao nascimento de novos modelos de gestão. As organizações tradicionais baseavam-se na imposição concreta de ordens e proibições, que impunham restrições no nível do cumprimento de tarefas.

As empresas modernas são gerenciadas a partir de um sistema de princípios cuja aplicação concreta requer a adesão dos indivíduos e a interpretação das diretrizes.

Essa passagem da gestão através da ordem para a gestão através da busca do consenso representa a substituição da obediência ao chefe pela adesão a uma lógica.

A ênfase à produtividade e à competitividade

A necessidade de garantir a produção com qualidade, assegurando espaço no mercado interno e garantindo a possibilidade de concorrência com outros países, deixou de ser preocupação exclusiva dos países desenvolvidos e passou a ser exigência também para os países subdesenvolvidos.

A produtividade e a competitividade passaram a constituir necessidade primária das empresas em todo o mundo e inclusive no Brasil. Isto implica desde a dotação de medidas relativas à mão-de-obra e aos recursos naturais até a modernização das instalações e razoável competência em tecnologia de processo e produto.

Conseqüência das megatendências anteriores, a ênfase à produtividade e à competitividade está indissolivelmente ligada à qualificação do trabalhador, fenômeno que obriga os empresários a revisitarem a educação.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO

A educação para o nosso tempo, processo que se desenvolve neste cenário, encontra-se face a alguns desafios:

Assegurar a abordagem global da realidade, através de uma perspectiva holística, transdisciplinar.

No mundo pós-moderno, culturas e etnias desconhecidas entre si tornaram-se próximas. Apesar das divergências existentes entre elas, há um projeto de desenvolvimento cuja dimensão é planetária.

Uma importante função da educação é, pois, preparar cada cidadão para uma participação responsável nesta comunidade planetária.

A tendência a isolar aspectos da realidade para compreendê-la melhor não é mais a prática defendida em nossos dias. A abordagem mais adequada ao momento atual é aquela que envolve todas as áreas do conhecimento para análise do mesmo problema. Esta abordagem, denominada holística ou transdisciplinar, caracteriza-se por ser científica e cultural. Diz respeito ao que "cruza" todas as disciplinas e se encontra além de qualquer uma delas. Trata-se de uma reconciliação entre o homem exterior e interior, uma busca que nos conduz a uma nova atitude espiritual, intelectual e social.

Nesta nova perspectiva, qualquer ação educativa, seja ela formal ou informal, deve ser planejada e desenvolvida sem perder de vista todos os referenciais de análise.

A visão holística evita a dicotomia teoria-prática, subjetivo-objetivo, individual-social, psicológico-sociológico, espiritual-corporal, entre outras. Deste modo, qualquer projeto de educação deve incluir sempre a análise do problema em todas as suas dimensões. Graças ao concurso de todas as áreas do conhecimento este desafio pretende atingir a totalidade do ser humano, integrando-o numa ordem planetária.

Transformar-se em processo contínuo de desenvolvimento.

Até meados do século, a educação era reservada a um período limitado da vida e a conclusão do curso universitário (e para al-

guns do curso técnico) fechava o ciclo educacional. Lançado no mercado de trabalho, o homem educado utilizava, por muitos anos, as informações e os recursos adquiridos ao longo de sua formação.

A primeira evidência de que o modelo estava falido se manifestou através do reconhecimento da necessidade dos cursos de pós-graduação. A institucionalização dos cursos de aperfeiçoamento, atualização e especialização tornou clara a consciência de que o conhecimento em nossos dias se torna obsoleto muito rapidamente e a educação, em nenhum momento, pode ser compreendida como um produto acabado.

Mesmo quando se está fora do mercado de trabalho, viver e conviver exigem de nós um preparo para lidar com a mudança. Isso deu origem aos cursos destinados à terceira idade, às mulheres dedicadas à vida doméstica e outros.

Educação passa a constituir, pois, um processo contínuo de desenvolvimento, uma preparação constante para os desafios que se apresentam. A educação escolar passou a ser denominada formação inicial e, complementando-a, estende-se, ao longo do ciclo da vida humana, a educação continuada.

Estabelecer um diálogo com o mundo do trabalho, assegurando qualificação para todos através de uma educação básica de qualidade.

Quando em meados do século XVIII aconteceu a I Revolução Industrial, o contingente de trabalhadores necessário para operar as máquinas não necessitava de qualificação. Já no século XIX, por ocasião da II Revolução Industrial, deparamos com profissionais qualificados, conhecedores do seu ofício. Ao estabelecer, no início do século XX, a racionalização da produção, o *taylorismo* teve como consequência a divisão parcelar do trabalho. Desse modo, cada trabalhador dominava apenas uma pequena parte do processo de produção e perdia, com isto, a visão da totalidade. Em contra-

partida, surgiram os gerentes e supervisores, responsáveis respectivamente pelo planejamento e pela supervisão, enquanto cada trabalhador individual dava sua contribuição parcelar para a execução.

Foi graças a esta perspectiva que a educação americana nos anos 20 concentrou seus esforços no ensino universitário, na qual formou os gerentes e investiu pouco na educação básica: o resultado, ainda que adequado àquele momento, é inviável hoje. A entrada da microeletrônica na produção das empresas já permite que processos repetitivos sejam executados por equipamentos especiais, dispensando-se o empregado sem qualificação. Armazenagem de informações, de regras e fórmulas, que era competência do engenheiro, já pode ser feita pelos computadores, dispensando o cérebro humano. Cada vez mais, contudo, se faz necessária a competência para operar instrumental complexo como as máquinas com controle numérico e os sistemas computadorizados e para utilizar, de maneira criativa, as máquinas disponíveis, criando produtos novos, capazes de atender às exigências de fluxo do mercado.

Atualmente, a garantia de emprego fica condicionada à qualificação para operar de maneira criativa o instrumental que se renova a cada dia.

Os empresários percebem, hoje, a importância da educação básica, de caráter geral, para assegurar essa qualificação. Não se pode confundir qualificação com profissionalização, pois, ao concluir uma habilitação profissionalizante, o jovem já tem, de imediato, uma formação obsoleta, que não o habilita a encarar o instrumental que o aguarda na empresa nem a enfrentar, com flexibilidade, as situações emergenciais.

Acompanhar, de perto, os avanços científicos e tecnológicos.

Quase todos os setores da sociedade têm se beneficiado do desenvolvimento da ciência e da tecnologia: salvando vidas, es-

treitando distâncias, melhorando a qualidade de vida da população, facilitando negociações. A educação é, provavelmente, um dos últimos setores a absorver os avanços da ciência e da tecnologia; confirmando isto, pode-se lembrar a sala de aula típica, que permanece inalterada há quase um século.

Absorver o avanço científico é um dos grandes desafios que se apresenta, por requerer uma mudança no perfil do educador, na concepção de sala de aula e no próprio conceito de educação. De informante, expositor, o professor passa a animador, provocando a capacidade de criação do aprendiz e seu acesso à informação. Em lugar da sala de aula tradicional, pode-se ter acesso a teleclasses, a telebibliotecas e a todo um sistema de multimídia que cria salas "virtuais", onde o aluno se transforma em verdadeiro cidadão global.

Videotextos, videodiscos, *CD's (Compact Discs)*, gráficos tridimensionais são recursos que familiarizam a escola com o desenvolvimento das mais diversas áreas do saber. *Softwares* de alta qualidade, produzidos em outros países, já se encontram disponíveis no mercado especializado, enquanto no Brasil se inicia a produção nacional de *softwares* educativos.

A simples absorção do computador não representa resposta a esse desafio se ele for usado na perspectiva instrucionista. O que se pretende é que, ao invés de ser ensinado, o aprendiz seja o agente que "ensina" ao computador; explicitando seu pensamento, ele pode propor problemas ao computador e, através da resposta, analisar seu próprio pensamento.

Desenvolver a capacidade de aprender a aprender.

Os sistemas educacionais sempre valorizam a transmissão do conhecimento e ainda hoje se considera bem educado aquele que repete o que aprendeu e acumula a maior quantidade possível de informação. Por isto, à medida que avança através dos níveis de escolarização, o aprendiz vê re-

forçadas as respostas estereotipadas, repetitivas, anticriativas. Geralmente, ao concluir o curso universitário, ele perdeu totalmente a originalidade e confunde saber com erudição.

Esse modelo de educação já não serve ao momento atual. A reprodução do conhecimento, através do ensino, será cada vez mais absorvida pelo instrumental eletrônico e o professor, com a prática que tem hoje, será facilmente substituído pelo vídeo, pelo computador e por outros recursos.

Para enfrentar a rapidez das mudanças e o conseqüente obsolescência do conhecimento disponível, o homem educado deve desenvolver uma atitude de investigação. O processo de "aprender a aprender" é, sem dúvida, a maneira de se efetivar essa atitude; graças a ele, aprende-se a buscar informações em diversas fontes e a analisá-las antes de aceitá-las acriticamente.

Trata-se de assumir uma atitude de pesquisa diante da realidade e de desenvolver competência para nela intervir, com base em conhecimento atualizado. Instituir a pesquisa como princípio educativo exige que se desenvolva na criança, no jovem e no adulto a capacidade de questionamento, a curiosidade, a busca criativa da solução para os problemas do cotidiano.

O papel que se reserva à educação no cenário da modernidade é essencialmente dinâmico e consiste em desenvolver nos alunos a capacidade de "aprender a aprender". A atitude construtiva, crítica e criativa que é própria do "aprender a aprender" substitui a percepção do aluno como objeto passivo de aprendizagem pela concepção do aluno como sujeito histórico.

O HOMEM EDUCADO SEGUNDO OS CÓDIGOS DA MODERNIDADE

Os cenários que descrevemos não afetam apenas o sistema produtivo; eles influenciam o conjunto da vida social e cultural.

A modernização tecnológica e o ideário político contemporâneo orientaram um amplo processo, no qual a escola parece sucumbir. A modernização tecnológica promoveu a difusão da informação através da descoberta de novas formas de linguagem e de novos meios de comunicação muito ágeis, sedutores e brilhantes. A modernidade criou um mundo cada vez mais plural e democrático.

A questão que nos colocamos é: como construir a cidadania num mundo cada vez mais plural, onde a informação é mercadoria de fácil consumo e de baixo rendimento?; onde tudo é certo?; onde tudo é dito e nada explicado?; onde o que era verdade ontem se torna mentira hoje?

É inegável que estamos hoje mais informados: os meios de comunicação de massa informam e, nesse sentido, concorrem crescentemente com o papel tradicionalmente desempenhado pela escola. Porém, ao mesmo tempo que estamos mais informados, estamos mais superficiais, mais acríticos, mais influenciáveis. O espaço da reflexão e da análise é a escola. É através dela que se deverá construir esta capacidade de interpretar, de criticar a informação.

Cabe à escola ensinar o aluno a lidar com a informação e não a consumi-la apenas. Por isso é necessário que os meios técnicos de informação estejam à disposição da escola; que a ciência e a tecnologia façam parte do seu cotidiano reflexivo.

No plano cognitivo e atitudinal, a função básica da escola é restabelecida quando ela responde aos desafios que este momento lhe apresenta e busca desenvolver no aluno algumas capacidades e competências para participar da vida social:

- a) competência em leitura;
- b) competência em escrita: precisão para descrever, analisar, comparar e expressar o próprio pensamento;
- c) competência em cálculo matemático e resolução de problemas;
- d) capacidade de analisar a realidade social;
- e) capacidade de avaliar criticamente as informações pela mídia;
- f) capacidade de trabalhar e tomar decisões em grupo;
- g) capacidade de localizar, acessar e usar informações acumuladas.

A escola poderá recuperar seu papel sedutor quando for capaz de recriar seus saberes antigos: ler, escrever, falar corretamente, valer-se desse recurso para analisar e compreender o mundo, para produzir e criar informações, bem como para discernir entre elas.

O novo, agora, é que o papel da escola, na construção da cidadania, vai se tornando cada vez mais crítico.

Nós, educadores, teremos cumprido nossa função se conseguirmos vencer o desafio de **tornar público o saber**.

A educação básica de qualidade é o fundamento da construção da cidadania, é onde se constrói o **direito a ter direitos**.